

Um Laboratório de Ecdótica no Estado do Rio de Janeiro ou Transmissão e Inovação de uma Tradição Filológica

A Textual Criticism laboratory in the state of Rio de Janeiro or Transmission and Innovation of a philological tradition

DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v5i2.25060>

Ceila Maria Ferreira

Professora lotada no Departamento de Ciências da Linguagem do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense (UFF). Coordenadora Geral do Laboratório de Ecdótica da UFF. Escritora ligada ao Mulherio das Letras Rio.

E-mail: ceilamaria@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0859-0127>

RESUMO

Esta é uma versão, com pouquíssimas modificações, do texto apresentado na mesa-redonda: “Espaços e configurações do labor filológico”, do evento intitulado Encontros com a Filologia, ocorrido na Faculdade de Letras da UFRJ, no segundo semestre de 2018. O texto é um relato de parte do percurso acadêmico de uma das fundadoras do Laboratório de Ecdótica da UFF (LABEC-UFF), sua Coordenadora até o momento, assim como da fundação do referido Laboratório e das atividades desenvolvidas naquele espaço. Versa também sobre a tradição e a inovação que ele, o Labec-UFF, representa ou busca representar nos estudos filológicos, no meio universitário e fora dos muros da academia, tradição essa que tem raízes comuns e estabelece um diálogo da UFF com a UFRJ, nessa área tão importante para os estudos linguísticos e literários, não esquecendo a autora deste texto de buscar trabalhar também com a proposta de Walter Benjamin de “escovar a história a contrapelo”.

Palavras-chave: Filologia. Crítica Textual. Patrimônio cultural. Transmissão textual. Literatura.

ABSTRACT

This is a lightly edited version of the text presented at the session on Spaces and Configurations of the Work of Philology at the event Encounters with Philology, held at the Faculty of Letters, Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ), in the second semester of 2018. The text reports on part of the academic trajectory of one of the founders and current-day coordinator of the Textual Criticism Laboratory at the Federal Fluminense University (LABEC-UFF) and the founding of this laboratory and the activities undertaken there. It also recounts the tradition and innovation that LABEC-UFF represents or seeks to represent in philological studies both inside and outside the academy – a tradition that has shared roots and establishes dialogue between UFF and UFRJ in this area of such importance to linguistic and literary studies. It is worth highlighting that the author of this text also seeks to work with Walter Benjamin’s proposal of “brushing history against the grain”.

Keywords: Philology. Textual criticism. Cultural heritage. Textual transmission. Literature.

Esta é uma versão, com pouquíssimas modificações, do texto apresentado na mesa-redonda: “Espaços e configurações do labor filológico”, do evento intitulado Encontros com a Filologia, ocorrido na Faculdade de Letras da UFRJ, no segundo semestre de 2018. O texto é um relato de parte do percurso acadêmico de uma das fundadoras do Laboratório de Ecdótica da Universidade Federal Fluminense (LABEC-UFF), aquela que escreve estas linhas, assim como da fundação do referido Laboratório e das atividades desenvolvidas naquele espaço e também sobre atividades desenvolvidas no momento, no Labec-UFF, que trabalha a partir de uma tradição comum à UFF e à UFRJ, procurando outrossim inová-la, no sentido de contribuir para mantê-la viva e atuante.

Sim, foi do amor.

Foi em março de 1983, há 35 anos, que entrei, pela primeira vez, na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, a UFRJ.

Ela estava situada no centro do Rio de Janeiro, na Avenida Chile, ocupava o antigo pavilhão que abrigara a Exposição Portuguesa e eu era uma moça de 19 anos, vinda da classe média. Nosso encontro, como era de esperar, mudou e marcou profundamente minha vida.

Naquele pavilhão, pude conhecer pessoas de diferentes procedências, ideologias, credos, mas grande parte delas intimamente imbuída de espírito genuinamente democrático e a democracia estava fortemente presente nas famosas e sempre concorridas assembleias no Auditório Gil Vicente, o famoso e saudoso Gil Vivente.

Sim, fui aluna do curso de Letras, Português-Literatura, que iniciei na Avenida Chile e que conclui no prédio, na ilha do Fundão. Cursei e também conclui Português-Latim, nesta Faculdade.

Minha graduação foi concluída nesta universidade e após minha formatura, fiz provas para o mestrado e fui aprovada. Quando estava entrando no mestrado, tive a oportunidade e a honra de assistir à última palestra proferida, nesta Faculdade, por aquele que havia sido professor de minha mãe, no Colégio Pedro II, e que é ainda hoje considerado um dos maiores filólogos e gramáticos da língua portuguesa. Seu nome: Celso Ferreira da Cunha. Sua palestra intitulada “Filologia e vida” – publicada posteriormente em **Sob a pele das palavras**, com organização, introdução e notas de Cilene da Cunha Pereira – era e é um elogio ao labor filológico, aos mestres que o ajudaram a trilhar os amplos caminhos dos estudos da língua, da literatura, da edição e do comentário de textos, sem se eximir de fazer críticas contundentes a regimes ditatoriais por que passou nosso país e, lembrando esse texto do prestigioso mestre, não posso deixar de pensar nos anos pós-golpe de 2016 e no que estamos assistindo e vivendo hoje no Brasil, inclusive com ataques à liberdade de ensinar e à própria existência da universidade pública e de todas e todos que sejam consideramos como inimigos ou opositores desse governo.

Sim, teremos que nos transformar em resistência e a filologia e seu exercício é uma forma de resistência, pois nos torna mais propícios a enxergar que a regra, na vida, é a mudança, assim como nos capacita, com seus desafios de preparação de textos, interpretação, leitura de obras de diferentes versões e procedências, a não nos contentarmos com a primeira edição que encontramos e a buscarmos, conforme proposto por Walter Benjamin, em suas famosas teses, escovar a história a contrapelo.

Ainda sobre a Filologia, voltando ao texto de Celso Cunha, rememorado aqui neste trabalho, entre outras considerações plenas de elogios aos estudos filológicos e de sentimento de pertencimento ao mundo e à vida tecidos pelo grande mestre, consubstanciados também nas epígrafes que abrem a referida obra e ao verso drummondiano que lhe dá título, podemos ler:

Ser filólogo era, pois, de todos nós a maior aspiração. Como Leite de Vasconcelos, nossos mestres Sousa da Silveira e Antenor Nascentes honravam-no com a titulação, da qual também se orgulhava Unamuno, que dissera ser a filologia *Amor a la palabra creadora*, e ainda se orgulhando estudiosos como Maria Corti, que assim define a especialidade em que é mestra consumada: *Visione poliédrica, pluridimensionale del documento esaminato, che se chiama filologia*. (CUNHA, 2004, p. 424).

Essas palavras elogiosas de Celso Cunha, para o labor filológico, e o fato de ele, um grande mestre, ter se dedicado a falar sobre Filologia e vida, na última palestra que proferiu, na UFRJ, são marcas da grande importância da Filologia para os estudos tanto linguísticos quanto literários, assim como para uma maior compreensão ou tomada de consciência do tempo presente, sim, porque como disse Marc Bloch, na obra que escreveu, quando estava preso pelos nazistas, por participar da Resistência francesa, e que deixou inacabada, pois foi fuzilado por eles: “a ignorância do passado não se limita a prejudicar a compreensão do presente; compromete, no presente, a própria ação”. (BLOCH, 2001, p. 63).¹

Voltando ao texto de Celso Cunha, não podemos esquecer que suas palavras são também uma apologia da Filologia, dura e constantemente atacada por aqueles que não tiveram o prazer de percorrer seus caminhos, como também pelas consequências das ações dos arautos do defeso estruturalista de que fala Ivo Castro, em *O Retorno à Filologia*, texto da miscelânea em homenagem a Celso Cunha, publicada em 1995, pela Nova Fronteira e organizada também por Cilene Cunha Pereira.

Sobre Filologia, também gostaria aqui de recordar palavras de Edward Said, traduzidas por Rosaura Eichenberg, do Prefácio de *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*, edição publicada em 2007, pela Companhia das Letras. São elas:

¹ Cito Marc Bloch a partir da tradução feita por André Telles e publicada em 2001 pela Zahar.

Em vez de alienação e hostilidade para com uma época e uma cultura distintas, a filologia, tal como aplicada à literatura universal, pressupunha um profundo espírito humanista empregado com generosidade e, se me permitem o termo, com hospitalidade. Assim, a mente do intérprete abre ativamente espaço para um Outro não familiar, e essa abertura criativa de um espaço para obras que, no mais, são estrangeiras e distantes é a faceta mais importante da missão filológica do intérprete. (SAID, 2007, p. 22).

Contudo, tal aproximação não se dá de maneira acrítica. Não se trata aqui do que Walter Benjamin chamou de historicismo, na tradução realizada por Sérgio Paulo Rouanet, publicada em 2012, de *Sobre o Conceito de História*, mas do que costumamos chamar de historicidade e que dialoga intimamente com a proposta do próprio Benjamin, também traduzida por Rouanet, quando diz:

Nunca houve um documento de cultura que não fosse simultaneamente um documento da barbárie. E assim como o próprio bem cultural não é isento de barbárie, tampouco o é o processo de transmissão em que foi passado adiante. Por isso, o materialismo histórico se desvia desse processo, na medida do possível. Ele considera sua tarefa escovar a história a contrapelo [...] (BENJAMIN, 2012, p. 245).

Sabemos que a Filologia/Crítica Textual tem como um de seus objetos de estudo o processo de transmissão dos textos. Isto aumenta a responsabilidade do filólogo/crítico textual que, a nosso ver, não pode se eximir de tomar uma posição e estudar criticamente essa transmissão e, tanto quanto for possível, escovar a história a contrapelo, para que também possamos ler, ouvir novas/velhas histórias com velhos/novos sentidos que terão possibilidade de ser recontados com velhos e novos sentidos que estavam submersos, mas que foram, enfim, conhecidos, reconhecidos e que poderão dar, enfim, sua parcela de contribuição para que algum dia não haja vencidos nem vencedores, apenas seres que se irmanam. Utopia? Diz a canção: “Sonho que se sonha só/ É só um sonho que se sonha só/ Mas sonho que se sonha junto é realidade [...]”

Uma vez tive, com um amigo, um sonho: o de construirmos um Laboratório de Ecdótica.

A ideia de construção do Laboratório de Ecdótica surgiu na UFRJ, nos idos de 2003, a partir de várias conversas que tivemos, Henrique Cairus e eu, quando tive a oportunidade de estar como professora substituta e, depois, recém-doutora nesta instituição, onde tive o prazer de começarmos a pensar na organização do I Encontro Internacional de Filologia que também contou, entre seus organizadores, com os colegas e amigos Mário Eduardo Martellota e Deize Vieira dos Santos e com a presença de Leonardo Marcotulio. Isto ocorreu depois que realizei o doutorado na FFLCH da USP com orientação do Professor Bruno Bassetto e com um estágio de Doutorado em Lisboa, sob orientação do Professor Ivo Castro.

Foi na UFRJ que começamos a sonhar com a construção do Labec que, com a minha ida, em 2004, para o Departamento de Ciências da Linguagem do Instituto de Letras da UFF, por ter passado no concurso público para Professora Adjunta de Crítica Textual 40hDE, e com a concordância do Henrique, o Laboratório acabou se concretizando na Universidade Federal Fluminense, universidade que conta entre seus professores eméritos com Maximiano de Carvalho e Silva, fundador da cadeira de Crítica Textual na UFF e, assim como Celso Cunha, foi aluno de Sousa da Silveira.

O Labec-UFF, que tem como logo, uma árvore com dois livros, simbolizando os ramos das vastas transmissões de textos e que se alimenta da tradição que vem da UFRJ como também da tradição que se encontra na UFF, foi inaugurado no dia 20 de dezembro de 2006, porque, na altura, o dia 20, Dia da Consciência Negra, ainda não era um ferido estadual.

O Labec recebeu muita influência de leituras da Comissão Machado de Assis, da Equipa Pessoa, coordenada pelo Professor Ivo Castro; da Equipe Eça de Queirós, coordenada pelo Professor Carlos Reis, assim como dos Professores Edwaldo Machado Cafezeiro e Maximiano de Carvalho e Silva.

O Laboratório de Ecdótica da UFF realiza eventos periodicamente. Procura também contribuir na tentativa de romper o ruído do tempo, expressão utilizada pela filóloga Luciana Stegano Picchio em *A lição do texto*.

Sobre a questão de tentarmos romper o ruído do tempo, podemos dar como exemplo, trabalhos de edição crítica e a formação de bibliotecas e a facilitação de acesso a elas.

No Labec, vamos retomar um projeto de extensão de catalogação do acervo do Laboratório para abertura da biblioteca para consulta em presença e também para consulta de títulos do acervo por meio da Internet, para que o/a pesquisador/a possa saber o que faz parte do acervo do Laboratório antes de ir até lá.

Estamos também terminando duas edições críticas.

Uma delas está sendo preparada com um grupo de alunas e de alunos da Graduação e da Pós-Graduação, assim como de ex-alunos e de ex-alunas do Instituto de Letras da UFF, e está em fase final de preparação, o projeto de edição crítica de **Papéis Avulsos**, coletânea de contos de Machado de Assis, que não chegou a ser trabalhada, na sua totalidade, pela Comissão Machado de Assis, Comissão, instituída pelo governo JK, em 19 de setembro de 1958, para restituir a forma genuína dos textos machadianos. Dessa Comissão, também fazia parte Celso Cunha.

Papéis Avulsos foi publicada pela primeira e última vez, em vida de Machado de Assis, no ano de 1882. Contudo, os doze contos que o compõe foram publicados anteriormente em periódicos.

Para citarmos um exemplo, vamos ao conto que abre a coletânea, antecedido por uma Advertência da lavra do próprio Machado de Assis. O conto chama-se: “O Alienista”.

Em “O Alienista” há algumas referências aos árabes, à cultura árabe, aos muçulmanos.

Há autores que dizem que tais referências seriam um dos pontos de ligações do referido conto com o **Quixote**, de Cervantes. Contudo, em uma das páginas da edição de “O Alienista” em periódico, no Jornal Ilustrado **A Estação**, encontram-se ilustrações referentes à Tunísia, a uma mesquita e a uma mulher de Túnis com a cabeça e o rosto cobertos por um pano.

Pesquisando, a partir de uma indicação de Izadora Montez, **As viagens de D. Pedro II**, Oriente Médio e África do Norte, 1871 e 1876, de Roberto Khatlab, chegamos às seguintes informações: que D. Pedro II estudou línguas semitas (inclusive o árabe). Mas e daí? Entre os motivos, segundo Khatlab (2015), que levaram o monarca a estudar diversas línguas, inclusive árabe, estava o de se comunicar com pessoas que viviam nas ruas do Rio e de Petrópolis e que falavam tais línguas. O árabe era falado, inclusive, por algumas das pessoas que viviam em situação de escravidão. Segundo o texto: “D. Pedro II, provavelmente, quis também conhecer essa região porque no Brasil já havia africanos e orientais árabes que haviam chegado como escravos ou imigrado como trabalhadores livres” (KATHALB, 2015, p. 30). Inclusive, nessa obra, há a informação que houve uma “grande imigração de árabes para o Brasil a partir de 1880”. Ora, **Papéis Avulsos** é de 1882 e “O Alienista” começou a ser publicado, em **A Estação**, em 1881. Recentemente, foi divulgada uma foto antiga, provavelmente do século XIX, em que vemos pessoas em situação de escravidão vestidas como muçulmanas. Além disso, nos lembramos da Revolta dos Malês, ocorrida no ano de 1835, na Bahia. E no conto de Machado há uma passagem, que é quase que explicitamente, quase porque é sutil, mas está lá presente, uma defesa de uma pessoa em situação de escravidão. Está nas páginas 45-46 de “O Alienista”, da edição de 1882. As referências aos árabes, em “O Alienista” podem ser lidas também como um ato de resistência, uma maneira de fixar traços que estavam presentes e que eram valorizados por algumas das pessoas que viviam em situação de escravidão. É uma hipótese e uma tentativa de escovar a história a contrapelo nestes tempos marcados pela ascensão do... Não. Não falaremos seu nome. Encontraremos formas de resistirmos e a Filologia é, com certeza, uma forma de resistência.

Referências bibliográficas

ASSIS, José Maria Machado de. O Alienista. In: **A Estação**. Jornal Ilustrado Para A Família. Rio de Janeiro, XIº Anno, n.5, p. 49-50, 15 mar 1882.

ASSIS, José Maria Machado de. **Papéis Avulsos**. Rio de Janeiro: Lombaerts & C., 1882.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da História. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas I. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 8 ed. São Paulo: Brasiliense, 2012, p. 241-252.

- BLOCH, Marc. **Apologia da História**: ou o ofício de historiador. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2001.
- CASTRO, IVO. **O retorno à Filologia**. Miscelânea de Estudos Linguísticos, Filológicos e Literários in *Memoriam Celso Cunha*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1995, p. 511 -520.
Disponível em:
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3961741/mod_resource/content/1/CASTRO_1995_ReturnoFilologia.pdf Acesso em: 30 abr 2019.
- CUNHA, Celso. **Sob a pele das palavras**. Organização, introdução e notas de Cilene Cunha Pereira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/ABL, 2004.
- KATLAB, Roberto. **As viagens de D. Pedro II**. Oriente Médio e África do Norte, 1871 e 1876. São Paulo: Benvirá, 2015.
- PICCHIO, Luciana Stegagno. **A Lição do Texto**: Filologia e Literatura I- Idade Média. Lisboa, Edições 70, 1979, p, 214.
- SAID, Edward. Prefácio da edição de 2003. In: SAID, Edward. **Orientalismo**: O Oriente como invenção do Ocidente. Tradução Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 11-26.
- SEIXAS, Raul. Prelúdio. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/raul-seixas/165312/> Acesso em 30 abr 2019.
- SPINA, Segismundo. **Introdução à Edótica**. Crítica Textual. São Paulo: Cultrix, 1977.